



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**REPRESENTAÇÕES DE VELHICES FEMININAS DA**  
**CIDADE DE BOA VISTA**

**ANDRÉA RAMOS DE SOUSA**

**Campina Grande**  
**Outubro, de 2016**

**REPRESENTAÇÕES DE VELHICES FEMININAS DA CIDADE  
DE BOA VISTA**

**ANDRÉA RAMOS DE SOUSA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

**ORIENTADORA:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silêde Leila Cavalcanti**

**Campina Grande, Paraíba  
Outubro, de 2016**





Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**REPRESENTAÇÕES DE VELHICES FEMININAS DA CIDADE  
DE BOA VISTA**

**ANDRÉA RAMOS DE SOUSA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. SILÊDE LEILA CAVALCANTI – Orientadora - UFCG**

---

**Prof. Dr.<sup>a</sup>. NILDA CAMARA DE ARAÚJO – Examinadora – UFCG**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO – Examinadora –  
UFCC**

**Aprovado em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ com o conceito \_\_\_\_\_**

**Campina Grande, Paraíba  
Outubro, de 2016**

## DEDICATÓRIA

**A Deus,**

Por estar sempre ao meu lado, me dando forças para superar problemas, e angustias, e me iluminando sempre.

A minha família que sempre me apoiou para que eu pudesse conquistar meus objetivos.

Aos amigos que conquistei durante o período do curso de História.

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, por está presente em minha vida protegendo meu caminho.

A MINHA FAMILIA que soube entender os momentos ausentes em que estive.

Aos PROFESSORES E SECRETÁRIOS do Curso de História, os quais colaboraram para minha formação acadêmica.

As PROFESSORAS EXAMINADORES da banca, por disponibilizar-se a avaliar este estudo.

Aos AMIGOS, em especial, Alba, Maria Jucineide e Anderson Xavier (in memorium), que me ajudaram nas dificuldades acadêmicas e da vida.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como tema Representações de velhices femininas da cidade de Boa Vista. Neste trabalho analisamos como as mulheres e o envelhecimento foram inseridos como objeto de estudo na História, sendo uma literatura que discute o envelhecimento com Barros e Debert. Nessa perspectiva com objetivo de analisar a partir das entrevistas que realizei com três mulheres idosas do interior paraibano e utilizando como metodologia a História oral, perceber que mesmo tendo chegado à idade de se aposentar, essas mulheres quiseram continuar trabalhando, se tornando, assim, representação de trabalho para mulheres idosas provedoras do seu lar, sendo ativas e úteis e podendo, dessa maneira usufruírem do direito a liberdade de fazer o que sentem vontade mesmo depois de aposentadas. Os resultados da análise apontam como elas constroem suas identidades de mulheres idosas e ativas, para o conceito de identidade utilizamos Hall. No que concerne ao fato de trabalhar com a ideia de representação de trabalho das mulheres idosas, discuti-se o conceito de representação com Chartier, para melhor respaldo.

**Palavras-chaves:** Mulher, Envelhecimento, Trabalho.

## ABSTRACT

This paper has a theme that is female ageing representations in Boa Vista city. In this study, it is presented the way that women and ageing were introduced was a object of study according to the History, as a literature that discusses the ageing with Barros e Debert. In this point of view from these interviews in the interior of the Brazilian state of Paraíba, using as a methodology oral history to perceive although that these women are in retirement age, they prefer to keep on working, and like this, they are a work reference to the older women, as useful women, enjoying their rights. After the retirement age. The results of this analysis show us they improve their identities as older women. For identity concept we used Hall, and we discuss about the representations concept to comprehend the idea of work representation of older women, we discuss according the Chartier concept.

**Key- words:** Woman, ageing, work.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPITULO I- A MULHER E A VELHICE NO CAMPO DA HISTÓRIA</b> .....	14
1.1-COMO A MULHER FOI INSERIDA NO CAMPO DA HISTÓRIA.....	14
1.2-O ENVELHECIMENTO COMO OBJETO DE ESTUDOS NA HISTORIOGRAFIA .....	28
<b>CAPÍTULO II – AS REPRESENTAÇÕES DE TRABALHO NO INTERIOR PARAIBANO</b> .....	29
2.1 MULHERES IDOSAS E A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE.....	29
2.2 A MULHER IDOSA ATIVA E PROVIDORA DO SEU LAR.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>FONTES</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma análise sobre Representações de velhices femininas da cidade de Boa Vista<sup>1</sup>, que está localizado na Paraíba. O interesse pela temática surgiu quando no decorrer do curso de História, nos deparamos com temas que nos chamaram atenção, e em conversas com alguns colegas surgiu o tema velhice. A partir daí surgiu o interesse de poder conversar sobre história do passado e que tivessem uma relação com nosso presente. Pois percebemos que era um tema pouco discutido, senti, assim, uma forte atração para trabalhar com a temática. Nossa escolha para trabalhar com esse tema também se deu a partir de uma inquietação para entender como essas mulheres idosas continuam com o interesse pelo trabalho mesmo tendo chegado o momento de se aposentar.

Nossa intenção foi produzir uma história sobre trabalho na velhice, a partir das representações construídas por mulheres idosas no interior paraibano; para isso entrevistamos três mulheres idosas com perfis diferenciado, nesse sentido enfatizamos como cada uma se representou; os objetivos que nortearam nossa pesquisa foram: analisar as aproximações entre elas, investigar como cada uma traçou sua trajetória ao longo da vida; refletir sobre o desejo que essas mulheres têm em continuar trabalhando mesmo depois de aposentadas e ser provedoras do seu lar.

Nosso estudo se baseia em uma tentativa de contribuir com a historiografia sobre a problemática, de como a mulher e o envelhecimento foram inseridos na história, abordando como esses sujeitos chegaram a essa conquista.

Tendo como objetivo analisar como essas idosas mesmo depois de aposentadas, trazem com elas a vontade de não seguir um padrão de uma velhice que era comum há tempos atrás, em que o idoso era para ficar sentado vendo televisão, ou contando história do passado. Hoje o modo como às pessoas estão encarando a velhice vem sendo modificado, pois essas idosas que entrevistei tem uma característica que chama atenção, porque elas continuam trabalhando mesmo tendo se aposentado.

---

<sup>1</sup> Boa Vista, é um município Brasileiro localizado na região metropolitana de Campina Grande, Paraíba, com população estimada em 2011 pelo IBGE em 6.322 habitantes,<sup>1</sup> distribuídos em 476 km<sup>2</sup> de área.

Em termos metodológicos vamos nos apropriar das fontes orais para abordar as questões discutidas em nosso trabalho. É interessante começar abordando um pouco sobre a história oral que uma técnica, e reforçar o quanto ela é importante na construção do conhecimento histórico, e como vem sendo inserido o uso das fontes orais. Segundo Bruno A. Picoli,(2010)

A disciplina histórica já foi mais restritiva em relação à valorização dos documentos Produzidos, intencionalmente por meio de entrevistas e/ou depoimentos. Esse cenário aparentemente consensual entre os profissionais se devia, principalmente, a uma mística do documento escrito. (pg 168)

Devido à “fragilidade” da memória, em que fatos ou acontecimentos históricos, ficassem esquecidos, nesse sentido é que dava-se mais relevância ao documento escrito como ferramenta para construção do conhecimento histórico. Uma abordagem tradicional de História acreditava que através do documento escrito se preservaria mais, e de modo fidedigno, os relatos históricos os quais assim estariam preservados, de maneira tal como teriam acontecido. E assim através deles pode-se reconstruir de forma integral e verdadeira. Seguindo o pensamento de Le Goff,(1994)

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (pg 423).

Sendo assim percebemos que através da memória podemos rebuscar informações que possam nos ajudar na construção da história do tempo atual, e desse modo podemos nos apropriar da história oral.

A revalorização da fonte oral na produção historiográfica atual vem acompanhada da revalorização dos estudos voltados para a história do tempo presente. Por conseguinte, quando esta foi relegada ao patamar de não-história, também as fontes orais

caíram em descrédito no meio acadêmico.(PICOLI, 2010, pg 170)

Porém, atualmente essa visão passou a ser desmitificada, pois se percebeu que é possível se fazer história, através desse caminho que percorre a história oral. Pois é possível recorrer à própria memória para “resgatar” lembranças de um passado remoto, mesmo tendo a consciência que a memória pode “falhar”, assim, com qualquer documento.

Com a possibilidade de constituir o conhecimento histórico, mediante as fontes orais, a mesma passou a ser entendida como um recurso que possibilita fazer a relação de passado e presente, podendo construir um conjunto informações através da utilização da própria memória.

Percebemos que o historiador é, portanto, o narrador entre a memória e a história oral, visto que através da investigação das memórias, pode-se construir um montante de informações que possibilita-nos constituir novas perspectivas para determinados acontecimentos, ou de histórias vividas por pessoas comuns, e vemos a memória se tornar a própria história.

Percebemos que podemos recorrer da história oral para que possa contribuir com a história do nosso presente, lembrando de momentos de nosso passado que poderiam ser levados ao esquecimento, pois sabemos como nossa memória pode nos ajudar a construir nossas histórias, mas podem também nos remeter ao esquecimento, nesse sentido a história oral é um instrumento de muita relevância no campo historiográfico, pois vem sendo utilizada por pesquisadores como ferramenta para suas pesquisas.

A partir do conhecimento e da utilização da história oral, percebemos que seria interessante analisar através das entrevistas semiestruturadas, como essas mulheres contribuem para a história, pois ao vê-las construir suas trajetórias de vida, percebemos que são mulheres com características fortes e batalhadoras.

Nossa pesquisa discorre em dois capítulos, trabalhando com três mulheres idosas, com perfis diferenciados, e que desenvolve atividades diferentes, a elas daremos nomes fictícios de Ametista, Rubi e Pérola para preservar suas identidades. Nossa escolha para trabalhar com esse tema se deu a partir de uma inquietação para entender como essas mulheres idosas continuam com o interesse pelo trabalho mesmo tendo chegado o momento de se aposentar, e como elas desenvolvem suas atividades.

Tendo o primeiro capítulo intitulado como: A mulher e a velhice no campo da história. Nesse capítulo analisamos como a mulher e a velhice foi inserida na história,

nele discutimos como ao longo dos anos a mulher e a velhice participaram de movimentos e manifestações em busca de seus direitos, como direito a cidadania e ao respeito. Desse modo fomos identificando as situações em que esses sujeitos foram sendo inseridos no campo da história. Nessa perspectiva trabalhamos com Rago e Soihet, discutindo as questões relacionadas à mulher, e trabalhando o conceito de envelhecimento com Barros, Gusmão e Debert.

O segundo capítulo tem como título: As representações de trabalho no interior paraibano na cidade de Boa Vista. Nesse capítulo discutimos como a mulher idosa e provedora do seu lar constroem suas identidades e representações a partir das praticas vividas por elas.

No primeiro tópico analisamos como essas mulheres constroem suas identidades a partir de suas vivencias; segundo o pensamento de Hall “A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987) (HALL, 2003, pg 13).

Observamos que as identidades passam por transformações ao longo de nossa existência, pois mudamos nossos costumes nossas praticas conforme vamos vivendo, vamos construindo novas identidades. Assim essas mulheres foram transformando suas histórias e construindo suas identidades.

No segundo tópico analisamos como essas mulheres idosas e provedoras do seu lar, constroem suas representações através das praticas realizadas durante suas vidas, analisando também como o trabalho que realizam nessa fase da vida, pode lhes trazer uma realização pessoal, identificando como elas constroem suas representações, como mulheres batalhadoras que escolheram continuar trabalhando mesmo tendo chegado à velhice. Nesse sentido percebemos a noção de representação seguindo o pensamento de Chartier,(1998)

A noção de representação coletiva entendida no sentido que lhe atribuíam, permite conciliar as imagens mentais claras aquilo que Lucien Febvre designavam por “os materiais de ideias” com os esquemas interiorizados, as categorias incorporadas, que as gerem e estruturam.( Pg 19,)

Nesse sentido, a partir da noção de representação de Chartier, vamos identificar como as mulheres dessa pesquisa constroem suas representações.

## CAPITULO I- A MULHER E A VELHICE NO CAMPO DA HISTÓRIA

### 1.1 Como a mulher foi inserida no campo da história.

Aos poucos a mulher foi conquistando direitos, foi sendo percebida como objeto e sujeito de estudo da História, mas tardiamente no final dos anos de 1990 também nessa mesma perspectiva passou-se a pensar no envelhecimento como problema histórico. Nesse sentido para ambos, não havia muito espaço ou não se existia um interesse em falar sobre. Porém atualmente vemos que estão se tornando, objetos de estudos acadêmicos.

A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas. (RAGO,1995,pg 81)

Vem sendo inserido temas que enfocam esses sujeitos, sempre se pensou em temas que atraísse a atenção do leitor, mais deixavam meio que de lado falar sobre as mulheres, após a mulher ter lutado por direitos no século XX como cidadania, pois queria conquistar sua liberdade, dessa maneira passou-se a ter interesse em discutir temas que envolvessem a mulher; e foi sendo percebido que deveria dá enfoque as reivindicações que as mulheres ao logo da história vinham conquistando, percebemos que o movimento feminista deu espaço as novas conquistas, como vemos na fala de Rago:

As pressões e demandas do movimento feminista, desde os anos 70, assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram uma quebra do silêncio das historiadoras. (RAGO,1995 pg 81)

Ganha-se espaço no mercado de trabalho onde antes apenas homens tinham vez. As mulheres ganharam força para atuar em qualquer área, mais ainda vemos que existem certo preconceito por parte de alguns, por achar que mulher era para ser apenas de forno e fogão, mesmo assim, a mulher vem conquistando cada vez mais espaço e o direito de ser emancipada. Como também deixar de ser vista com um ser submisso passivo, a mulher passou a ser percebida, e ter voz de lutar pelos seus objetivos, ter a sua liberdade como cidadã, poder tomar suas decisões mesmo que encontre obstáculos, porém a força que a mulher vem mostrando faz com que ela conquiste seu lugar, sendo valorizada e respeitada.

Especialmente valorizadas foram a temática do ingresso das mulheres no mercado de trabalho e a denúncia das formas perversas desta integração. As péssimas condições de trabalho, os salários inferiores aos dos homens, o assédio sexual, as inúmeras formas da violência machista foram temas que ocuparam as páginas das obras que se dedicaram à mulher trabalhadora e que acabaram por identificá-la como produto das determinações econômicas e sociais, vítima das injunções do sistema, dando pouco destaque à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante. (RAGO,1995 pg 82)

Nesse sentido pode-se dizer que a mulher foi conquistando direito como poder trabalhar; mais não foi fácil, pois em um mundo machista, uma mulher conquistar os mesmos direitos que os homens não era algo que se pudesse pensar, pois mesmo quando conseguiu trabalhos sofreram com os baixos salários, e as difíceis condições de trabalho; pois quando a mulher conseguiu ocupar seu espaço no mundo do trabalho enfrentou muitos desafios e preconceitos. Por isso, pensar na mulher como sujeito histórico e objeto da história, é algo que nos leva a uma reflexão, de que as barreiras enfrentadas não tornou fácil o caminho a ser trilhado por mulheres, e ainda teriam muito a conquistar. Visto que a mulher tem capacidade de ser bem remunerada e ter reconhecida sua qualidade profissional.

É ao longo da década de 1980, porém, que emerge o que se poderia considerar uma segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres. Aí floresce um conjunto de estudos preocupados em revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando

formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista.  
(RAGO,1995 pg 82)

Desse modo, percebemos como é indiscutível a capacidade que a mulher tem de transformar seus desafios e romper obstáculos que lhe impuserem em seu cotidiano, pois a mulher pode e é capaz de produzir grandes trabalhos, ela esta apta para atuar em qualquer colocação de trabalho ou de estudos acadêmicos, que lhes seja conveniente para realizar. Pois a mulher é capaz de criar alternativas para conseguir sobreviver em meio a tantas resistências a sua luta, ela cria alternativas para viver em um mundo tão competitivo, sejam com trabalhos formais ou informais; a força que a mulher tem é indiscutível.

Na medida, porem, em que a mulher aspire a atuação no âmbito publico, usurpando os papeis masculinos, transmuta-se em força do mal e da infelicidade, dando lugar ao desequilíbrio da historia. (SOIHET, 1997pg 400)

Percebemos que a capacidade de luta da mulher vai muito além do que se possa pensar, pois mesmo atravessando caminhos que antes era só de homens, conquistou seu lugar, ganhou seu espaço, e desse modo mostrou seu potencial e sua força de atuação, não se deixando levar por questões que de certo modo atrapalhasse sua atuação em campos de trabalho ou historiográfico. Mesmo enfrentando desafios não desiste de lutar pelo que quer conquistar.

Soihet afirma ainda como: “A onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da historia das mulheres.” (SOIHET, 1997 pg 401). Diante de tanta vontade de dar vez e voz às mulheres, esse movimento foi dando abertura para que a mulher reivindicasse por seus direitos como a abertura de cursos em universidades, que se dedicassem a mulher, e que pudesse assim mostrar a capacidade força da mulher, e desse modo abrindo caminhos para que outras reivindicações das mulheres fossem conquistando espaço.

Soihet sugere que: “O desenvolvimento da historia das mulheres, articulado as inovações no próprio terreno da historiografia, tem dado lugar a pesquisa de inúmeros temas.” (SOIHET, 1997, pg 406). Nesse sentido devemos dizer que a mulher pode estar representada em varias áreas não só no campo do trabalho, e acadêmico, enfim ela

também atua na família na criação de seus filhos e no comando da sua liberdade, de poder fazer o que ela quiser seja qual for à área, pois a mulher deve ser dona de sua vontade, e poder conquistar sua liberdade; liberdade de se expressar, de sentir, de agir e tomar decisões.

O impulso feminista desta produção evidencia-se na vontade de provar a capacidade criativa das mulheres enquanto sujeitos sociais capazes de fazerem a História, de investirem contra as múltiplas manifestações do poder, e enquanto elaboradoras de iniciativas, de formas de percepção e de experiências que merecem ocupar lugar na memória social, tanto quanto as masculina. (RAGO,1995, pg 85)

Esta fala de Rago enfoca o trabalho de Michelle Perrot, que aborda em sua obra a mulher. Percebo assim que Soihet e Rago destacam a mulher no mesmo sentido de que a mulher tem força de ser reconhecida como sujeito social e, tendo a mesma relevância que se trata o homem. Nessa perspectiva vemos que a mulher tornou-se objeto de estudo para vários campos, pois a partir das manifestações envolvendo as reivindicações da mulher como sujeito social e objeto da história, passou-se a dar maior visibilidade à mulher, que antes não se tinha interesse, era invisível, e de pouco reconhecimento; mais que aos pouco esse pensamento em relação a mulher foi sendo modificado; e a luta da mulher foi sendo percebida, assim com discorre a seguinte citação:

No tocante as pesquisas sobre a ação e luta das mulheres, configuram-se duas vertentes. Uma preocupada com os movimentos organizados com vistas a conquista de direitos de cidadania os movimentos feministas e a outra com manifestações informais que se expressam em diferentes formas de intervenção e atuação femininas. (SOIHET,1997 pg 407)

Nesse caso, podemos pensar nessas mulheres com figuras de destaque na historia podendo elas atuar no campo da politica, da religião e da cultura. Com isso vemos o quanto sua luta se fortalece e abrange áreas antes que só davam destaque para o homem, dando assim motivos para pensarmos na mulher não mais como aquele ser submisso, e sem atitude, que se interessava apenas por coisas do lar, e manutenção de sua estética e sem iniciativa; passou-se a pensar na mulher com maior visibilidade, merecedora dos direitos a cidadania, e serem dignas de suas conquistas.

Assim, além das reivindicações relativas aos direitos políticos, esses movimentos feministas reivindicariam, com ênfase, os direitos sociais e a proteção social, especialmente no que tange as mães e a maternidade. (SOIHET, 1997,pg 409)

Entendemos que a sua luta era abrangente, pois além dos direitos políticos, a mulher deveria ter uma atenção aos direitos no que diz respeito à maternidade, pois para aquelas mais carentes recaia o peso de cuidar de seus filhos sem ter um apoio social; então desse modo a mulher lutou por mais essa conquista de ter esse apoio, que pudesse contribuir para uma melhor condição de vida. Essas reivindicações foram tomando espaço em vários países, como também no Brasil.

Portanto, se a história das mulheres, no Brasil, nasce no interior de uma historiografia do trabalho, em 1970, é importante lembrar que esta sofre profundas mudanças ao longo desta década, abandonando o interesse exclusivo pela história dos partidos políticos e sindicatos, para incorporar outros temas que abrangem desde o cotidiano das fábricas até a vida no interior da família, passando pelos valores, crenças e hábitos que marcaram a classe trabalhadora. (RAGO, pg 84,1995)

Passou-se assim não apenas inserir a mulher a um grupo de pessoas que venceram barreiras, mais também tentou resgatar referências metodológicas em outras temáticas, em outros sujeitos visto como inferiores ou invisíveis; que não despertavam o interesse, e não achava que mereciam que fossem inseridos na história.

Ao longo do tempo tentaram fazer uma desconstrução da imagem que a mulher passava como ser incapaz de tomar decisões; que tivessem o peso de transformar suas vidas. Em obras de historiadoras bem conceituadas como Rago e Soihet, são abordadas muitas formas de como as mulheres tiveram influência nessas transformações, como elas enfrentaram desafios e obstáculos e não se deixaram vencer pelas opressões sofridas ao longo do tempo.

Deixando de lado por um momento as inúmeras diferenças metodológicas e temáticas que particularizam cada um destes estudos, destaco alguns pontos comuns que permitem aproximá-los. Em todos eles, registra-se uma forte preocupação em resgatar a presença de

mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não, como agentes da transformação, em mostrar como foram capazes de questionar, na prática, as inúmeras mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual, mental e física em relação aos homens e sua exclusão da esfera dos negócios e da política. (RAGO,1995, pg 83)

A mulher como agente de transformação foi cada vez mais presente em nossa história, pois conquistou um espaço antes ocupado apenas por homens, garantindo a elas o seu lugar ao sol; capaz de agir e tomar decisões, de buscar tudo aquilo que acreditavam ter competência de conquistar, mostrando sua capacidade intelectual, assim conquistou espaços antes só ocupados por homens como na política, deixaram de ser marginalizadas, podendo questionar sobre o que fosse.

Nos Estados Unidos, historiadores do trabalho feminino enfatizam a variedade de trabalhos essenciais e não remunerados realizados pelas mulheres, tais como o trabalho doméstico, a atividade no campo, costura, cozinha e a criação de filhos. (SOIHET,1997, pg 414)

Nesse contexto a mulher passou a exercer trabalhos que de certo modo lhes rendesse algo que servisse de ajuda para contribuição da renda do seu lar, encontrou em trabalhos não formais, formas de conseguir recursos para sua manutenção e de seus filhos, deixando de lado aquela imagem de ser submisso sem atitude. Esses trabalhos poderiam ser no campo, adaptaram formas de trabalho, como criar animais para que com a venda dos mesmos, o dinheiro assegurasse a sua renda, e melhorasse a condição de criar seus filhos e para a própria manutenção.

No início do século XIX, nas primeiras fábricas têxteis, as mulheres predominavam entre os 4% de norte-americanos que nelas trabalhavam; mais tarde afastaram-se do trabalho industrial, ao contrário da Europa, onde constituíam a maioria nas indústrias. (SOIHET,1997, pg 414)

Segundo Soihet esse afastamento se deu por conta da oposição masculina. De fato a mulher sempre encontrou resistência ao seu desejo de se inserir como sujeito

social e como objeto da história, porém nem mesmo as resistências que sofreram, impediu que elas continuassem buscando novas conquistas.

Sofreram oposição até mesmo de seus companheiros, visto que muitos homens temiam por seus cargos de chefia, e como chefes de família também, de certo temiam que se as mulheres tivessem trabalhos tomariam o espaço de chefes de família em seus lares; no entanto mesmo encontrando resistência a mulher lutou para conseguir seu lugar, criando uma identidade forte e resistente e nunca baixando a cabeça nem desistindo de lutar pelos seus ideais.

Dessa forma a mulher conquistou seu lugar na história, através de suas reivindicações conquistaram muitos de seus objetivos, receberam apoio a partir de seus movimentos, e assim foram sendo percebidas e tiveram o reconhecimento e o respeito que lhe é de direito, mesmo assim sabendo que há muito que conquistar, há muito a ser modificado. Sabemos que essas lutas não param e nem devem parar, pois mesmo já tendo conquistado muitas vitórias, devem sempre lutar por algo que ainda possa conquistar; não se deixando levar por questões como resistências por parte das outras pessoas.

## **1.2 O envelhecimento como objeto de estudos na Historiografia**

O envelhecimento, também como a mulher, encontrou barreiras para que se tornasse objeto de estudo no campo da história, como vemos nesta fala de Debert.

Para alguns autores as mulheres na velhice experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação como mulher e como idosa. Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente pelo seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo desdém marcaria sua passagem prematura a velhice. (DEBERT, 1999,pg 140)

Pois reforçando aqui é preciso dizer que a resistência sempre teve, mas isto não foi motivo que levasse a desistirem de se inserir na história. Visto que como idosa a

mulher enfrenta obstáculos, pois por ser idosa e mulher, carrega consigo o peso de ter tantas lutas para conquistar seu espaço, pois teve que mostrar que não seria apenas reprodutora e cuidadora de seus filhos, mais um ser capaz de fazer qualquer coisa além de ser apenas mãe e do lar; e chegando a velhice teria que ser respeitada pela força de lutar pelos seus objetivos, desse modo a mulher idosa tem também que conseguir destaque na sociedade, tem que ter sua história respeitada, pois traz consigo tantas lutas, nada mais justo que seja tratada com devida atenção que merece.

Um dos marcos da constituição da velhice como categoria social começou a se formar no Brasil em meados da década de 1960, com a fundação da Sociedade Brasileira de Geriatria. (GUSMÃO, 2006 pg 09)

Era necessário que se criasse uma instituição onde se pensasse nesses sujeitos, e que os mesmos comesçassem a lutar por seus direitos como cidadania e dignidade e respeito; sendo mais do que necessário uma instituição para que os idosos pudessem recorrer sempre que fosse possível, para tratar de questões que tivessem relacionadas no que diz respeito as suas necessidades, desse modo foi de muita relevância quando foi criada essa associação que pudesse amparar e cuidar dos idosos dos assuntos dos idosos no Brasil. Dessa maneira um grupo de médicos preocupou-se com a população idosa para que eles não fossem lesados, foi quando segundo o pensamento de Gusmão:

Um grupo de médicos preocupava-se com a população idosa que crescia e se acotovelava em meio as demandas de gerações mais jovens e em fugir de propostas charlatonas, próprias da época no tocante aos assuntos do envelhecimento. (GUSMÃO pg 09 2006)

Percebemos que passou a ser criadas associações para que pudessem acolher esses idosos, para que estes tivessem na sua velhice mais dignidade no tocante a sua atual fase da vida. Pois depois de ter vivido tanto, nada mais justo que se pensasse em uma maneira de cuidar dos idosos com dignidade. Como vemos na fala de Debert:

Algumas das iniciativas empenhadas em promover um envelhecimento bem sucedido surgiram nos anos, 60, como é o caso dos programas do SESC (Serviço Social do Comércio), que abriram um espaço para que associados de mais idade pudessem se reunir e realizar uma série de atividades definidas basicamente como de lazer. Foi no entanto nos anos 80 que as iniciativas se proliferaram.(DEBERT, 1999, pg 144)

Observamos que na década de 1980 tiveram conquistas nesse campo, conseguindo assim com que a sociedade passasse a ver a velhice com outro olhar, e assim conseguindo cada vez mais abrir caminhos para que se tratasse dessa temática com maior atenção. Essas associações poderiam ajudar a melhorar as condições do idoso, resgatando sentimentos já esquecidos; e conquistando direitos como cidadania e respeito, nessa fase atual de suas vidas, visto que lhe é de direito, pois com tanto tempo contribuindo com seu trabalho nada mais justo que no momento em que se chegasse à velhice tivesse associações voltadas para um momento de lazer do idoso.

Com o objetivo de promover a auto-estima dos idosos e lutar contra os preconceitos, representações muito distintas sobre a velhice são acionadas pelos promotores dos programas. A dívida social que os mais jovens e a sociedade como um todo tem para com o idoso deve ser reconhecida e paga. Nesses contextos promover uma velhice bem sucedida é uma questão de justiça social. O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens. (DEBERT, 1999 pg 149)

Como percebemos é dever de todo cidadão tratar o idoso com devido respeito, pois são eles que com suas experiências, podem acrescentar muito para a vida dos mais jovens, pois eles já contribuíram no seu passado com seu trabalho, então temos que tratá-los com dignidade e respeito; dando-lhes oportunidades de se inserir na história mostrando a capacidade de luta na fase atual de suas vidas, nada mais justo que se abra espaço para que os idosos sejam ouvidos com atenção e respeito, quando eles quiserem nos contar sua experiências, pois já que chegaram na fase atual em que se denomina de velhice, há que se dê atenção aos idosos, visto que muitos tem histórias enriquecedoras para nos contar, pois sabemos o quanto é importante para o idoso ser ouvido, saber que

não estão sozinhos, e ver que tem pessoas principalmente os mais jovens se interessam por suas memórias.

Pensando na visibilidade e no alcance que a velhice e os velhos atingiram atualmente, vemos que a criação de novas expressões e denominações sociais funciona não apenas como novos objetivos, mas também para nomear novas fases no curso de vida a terceira idade como fase entre a aposentadoria e a velhice serve para estimular e legitimar a criação de uma gama de equipamentos e serviços, e para estimular a formação de profissionais aptos para o trato dessa população e suas demandas, movimentando o cenário das preocupações sociais. (GUSMÃO, 2006, pg 10)

Visto que percebemos que é de suma importância a implantação de instituições para cuidar do idoso. Pois se criam equipamentos e serviços que ajudem aos idosos, possivelmente esses sujeitos terão um envelhecimento melhor e mais digno, e merecido tendo cuidado adequado, tendo profissionais capacitados para que possam cuidar dos problemas que chegam com a velhice, porque se é dada atenção melhor aos seus problemas, mais simples de resolver serão, e assim melhora o momento em que se encontra na fase chamada de terceira idade, recebendo a devida atenção que merecem.

Nas duas ultimas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (1994 e 1996), a temática da velhice foi debatida, em grupos de trabalho, por pesquisadores de diferentes centros de pesquisa do país e mostrou que novos pesquisadores estão se somando a primeira geração de antropólogos que, no Brasil, transformaram a velhice em objeto de estudo. (BARROS,2006, pg 08)

Observamos que a velhice vem sendo debatida em outras áreas como a antropologia, psicologia, como também no campo da historia, entre outras áreas; isso acabou abrindo um leque de possibilidades para que se faça um estudo, inserindo o envelhecimento em varias áreas de interesse na temática, tornando assim, a velhice objeto de estudo, e passando a dar visibilidade as suas necessidades, para uma melhora nessa fase atual da vida, resgatando a dignidade daqueles que por certas questões com, o descaso e abandono, que pode tornar a velhice em um momento tão delicado para

alguns que passam por essas situações, podendo assim, com o interesse dessas áreas tornar a questão da velhice em uma temática bem debatida, e que possam apresentar soluções para os problemas que chegam com a velhice e tornar esse momento mais leve de ser vivido, sabendo que existe interesse por parte de tantas áreas de estudo da temática.

O interesse dos programas está na possibilidade de compartilhar a experiência de recodificação do envelhecimento em uma comunidade, mas não se pode supor que o avanço da idade, automaticamente, dissolveria distinções socioculturais que marcam todas as etapas anteriores da vida. (DEBERT,1999, pg 161)

O idoso tem muito a nos ensinar como suas experiências, pois já viveram muitos acontecimentos, que desses podem mostrar lições para os jovens, e também a troca de experiência com outros idosos lhes faz ter maior interesse e que possa tornar, a partir da convivência com outros sua velhice mais fácil de lidar, pois quanto mais pessoas tenha interesse em saber suas experiências mais despertam neles um sentimento positivo, porque dessa maneira não sentem o peso do abandono e da solidão. Ainda segundo Debert:

Em resumo, vale apenas repetir que programas foram e estão sendo criados para resgatar a dignidade do idoso, reduzir os problemas da solidão, quebrar os preconceitos e estereótipos que indivíduos tendem a internalizar. (DEBERT,1999, pg 162)

Percebemos que os grupos criados para encontro de idosos tem muita relevância em suas vidas, pois poder conviver uns com os outros tornando seu dia a dia menos solitário, pois sabem que ao se encontrarem terão com quem compartilhar memórias; e nada melhor para o idoso ter com quem compartilhar suas histórias, essa forma de interação revigora suas forças, nasce uma nova forma de viver seus dias com maior dignidade, e preenchendo espaços de solidão, transforma a vida em um momento em que tem prazer de estar em meio às outras pessoas, trocando experiências compartilhando memórias, tornando a velhice em um momento em que seja enriquecedora em muitos aspectos. Pois a sabedoria nessa fase é algo que deve ser respeitada, pois com eles os jovens podem adquirir experiências como lição de vida,

saber que estão sendo úteis, torna o idoso mais feliz, pois vê que tendo chegado a velhice, pode ser útil para os outros, e nada mais gratificante para o idoso que sentir útil ainda na fase atual da vida e poder compartilhar memórias, faz renascer o vontade de continuar a viver, vendo que existe caminhos que podem tornar sua velhice mais leve de ser vivida, pois nada machuca mais o idoso que a solidão por isso sentir que estão presentes na vida de outras pessoas, faz preencher o vazio deixado pela solidão.

A imagem de uma velhice decadente, associada as camadas populares, foi paulatinamente substituída por uma imagem ativa e independente, que se expressava socialmente no conceito e na imagem da Terceira Idade, assumidas principalmente pelos novos aposentados que começaram a reproduzir as praticas das camadas medias assalariadas.(GUSMÃO,2006, pg 10)

Desse modo passou-se e ver o idoso como capaz de lutar pelos seus direitos, buscando melhoras para esse momento da aposentadoria, transformando-se em agentes ativos que poderiam resolver suas próprias necessidades; buscando seus interesses, e não cruzando os braços por estarem aposentados, pois se durante toda uma vida de lutas não se abateram, não seria agora que os idosos deveriam deixar que os problemas financeiros dessa atual fase criassem problemas que atrapalhassem o momento atual de suas vidas, sabemos que não é uma luta fácil mais não é impossível de resolver, e nada melhor do não se deixar levar pela falta de atitude e mostrar que mesmo idosos são capazes de lutar por seus interesses, demonstrando assim a força o poder de conquistar seus interesses.

A ampla divulgação que as iniciativas voltadas para a terceira idade recebem na mídia contrasta com o silencio relativo com que os problemas ligados a aposentadoria foram ao longo dos anos 80, e surpreende o interesse que essa questão ganhou na mídia nos anos 90.(DEBERT,1999, pg 165)

Vemos que com os problemas enfrentados com a aposentadoria, essa categoria passou a lutar para conseguir que lhes fossem pagos os valores justo, pois já que haviam contribuído a vida inteira nada mais justo que seus direitos constitucionais fossem assegurados. Pois contribuíram toda uma vida, sendo assim teriam que ter seus direitos

respeitados, e terem dignidade na sua velhice, pois é muito gratificante poder ver que depois de ter lutado durante toda vida, chegar a hora de se aposentar com dignidade e respeito, assim com o interesse da mídia nos anos 90, na questão da aposentadoria passou a dar maior visibilidade aos aposentados, desse modo tornou mais fácil de ter seus problemas resolvidos. Visto que muitos ganhos ainda teriam que ser conquistado e a luta jamais deveria ser deixada de lado, sendo assim mostrando através da mídia, o poder de atuação e luta dos aposentados desmistificando dessa maneira a imagem do idoso sem atitude.

Contudo, a expressão foi capaz de sintetizar o desprezo com que o governo tratou a população de mais idade. Os aposentados saíram as ruas em passeatas e manifestações. A causa mobilizou a opinião pública e os parlamentares de tal forma que mesmo os governistas acabaram se posicionando contra o governo, o qual argumentava que o caos econômico e social e a falência do orçamento público seriam consequências inevitáveis do atendimento as reivindicações dos aposentados.(DEBERT, pg 168,1999)

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso no período de 1995 a 2002, os idosos buscaram e reivindicaram por seus direitos, que não estavam sendo repassado, mais isso não os fez cruzar os braços e foram à luta para conseguirem que as autoridades governamentais tomassem uma posição com relação à situação em que estavam vivendo, fazendo com que se tomasse uma posição para que fosse resolvida a situação dos aposentados. De certo modo tais manifestações deram certa importância a essa categoria, tornando assim mais forte o movimento em que estes sujeitos lutavam pelos seus direitos, fazendo com que a previdência social tomasse uma posição central no que se refere ao campo político em nosso país.

Apesar desta diferença no público mobilizado e nas lideranças de cada associação, a tônica geral do trabalho cotidiano nas sedes é a prestação de informações sobre direitos e mudanças nos direitos dos aposentados e a condição de processos na justiça. (DEBERT,1999, pg 170)

De fato é interessante que tenha um ponto de apoio para que os idosos tomassem como base de referência para que se pudessem esclarecer suas dúvidas em relação aos direitos que lhes compete, pois sendo assim fortaleceriam suas bases conceituais para que quando lhes fossem necessário ter como consultar a cerca de suas necessidades; saber que quando fosse necessário teriam onde esclarecer e se informar e tirar suas dúvidas.

Os idosos foram se inserindo assim na história do nosso país, pois através de suas lutas e conquistas foram adquirindo seus direitos, a cidadania ao respeito e a dignidade; e tendo conhecimento dos mesmos, passaram a ter notoriedade tornando assim sujeitos sociais, e objeto da história, sendo amparados judicialmente e constitucionalmente criaram possibilidades para que os próximos que fossem utilizar-se desses recursos fossem amparados, e se tornaram de problema político, problema sociológico, antropológico e histórico; conquistando desse modo seu espaço na sociedade, foram sendo percebidos como merecedores de ter dignidade na sua velhice, pois lutaram para conquistar seu espaço na história; nesse sentido os idosos foram conseguindo que lhes fossem assegurado seus direitos.

Porém, apesar dos ganhos próprios da visibilidade e legitimação da velhice, deve-se atentar para as armadilhas inerentes a construção de categorias de idade, visto que tendem a homogeneização de demandas e populações inteiras, ou ainda no caso da velhice, podem funcionar como aprisionamento e ordenação das diferenças. (GUSMÃO, pg 11,2006 APUD).

É preciso atentar para o fato que existem diferentes formas de envelhecer, e que existem diferentes formas de se fazer políticas sociais, mesmo que esses pertençam a uma mesma categoria, porém podem divergir em ideias, por isso é preciso que se tenha o cuidado para que essas categorias de idade não sejam formas de aprisionar o idoso; visto que existem diferentes condições, como saúde, renda, como as diferentes idades, e o acesso que para cada um, seja de forma diferenciada, pois mesmo que façam parte de uma mesma categoria divergem em várias práticas. Podem ter necessidades diferentes. Por isso que se deve ter cuidado com as formas de se tratar o idoso, pois sabemos que cada um tende a envelhecer de maneira diferente, sendo assim há que se atentar para as armadilhas que possam aprisionar o idoso, de forma que ao invés de cuidar das suas

necessidades, isso torne um problema na vida do idoso, pois cada caso é um caso, é importante perceber que existe diferentes forma de envelhecer, deve sempre ter o cuidado na maneira que vamos tratar o idoso, pois ele merece toda atenção possível, porque é um direito que lhe cabe ser tratado de maneira correta e justa; e sendo tratados de maneira certa torna sua velhice mais digna.

Conversar sobre velhice, é também estabelecer distinção entre os velhos em geral e a experiência pessoal. Discorrer sobre os velhos em geral é reproduzir uma serie de estereótipos com os quais a velhice é tratada: “o velho vive reclamando da vida”, “o velho só pensa em dormir e comer”. Falar da experiência pessoal é, pelo contrario, enumerar uma serie de atitudes atividades que tornam o individuo radicalmente distinto dos outros velhos, mesmo quando ele considera que sua idade é avançada. (DEBERT,1999, pg 183)

Observamos que existem diferentes formas de envelhecer, e não podemos dizer que todos agem de uma mesma forma, que velho só quer falar de experiências ou que só tem hábitos de velhos, como esta sempre com costumes que só idoso deve ter, devemos pensar no idoso como alguém que nos transmite conhecimentos, e também como sujeitos donos de suas vontade e escolhas, pois a ele cabe o direito do querer ou não querer, pois são livres para tomar a decisão que quiser em sua fase atual da vida; se ele quiser trabalhar, viajar ou não fazer nada é um direito que lhe cabe, porque nada melhor do fazer o que gosta. Então o idoso é livre para fazer o que sentir vontade na sua vida, sem se deixar levar por estigmas que lhes são impostos pela sociedade, é preciso que seja respeitada decisões tomadas em suas vidas, e não devem de forma alguma se abater com o que falam a seu respeito.

Percebemos ao longo dessa análise que tanto a mulher como o envelhecimento, tornaram-se objeto de estudo de vários campos, pois através de movimentos e manifestações conquistaram seu lugar como sujeitos sociais, tornaram-se objetos da história, buscando lutar por seus interesses, e lutando por seu direitos conseguiram feitos antes nunca alcançados, destacaram-se na sociedade a partir de suas reivindicações, desse modo foram sendo inseridos na história, sabemos que hoje ainda há alguns obstáculos a ser vencidos, porém, a luta não para, continuaram buscando seus objetivos.

## CAPITULO II- AS REPRESENTAÇÕES DE TRABALHO NO INTERIOR PARAIBANO

### 2.1 Mulheres idosas e a construção de sua identidade

No presente trabalho falarei sobre mulheres que, mesmo depois da aposentadoria, preferiram continuar trabalhando, pois para as mesmas, parar de trabalhar não representa a vontade de continuar na ativa. Destaco mulheres com histórias de vida deferentes, porém tendo em comum a vontade de continuar a trabalhar. Essas mulheres representam não só as mulheres de Boa Vista mais de tantos outros lugares, representam a mulher idosa que não se deixa levar pelos problemas físicos da velhice, não aceitam cruzar os braços por que estão aposentadas, são idosas que querem continuar a viver sem ter que se entregar a velhice. Desse modo mostrando suas identidades de mulheres fortes.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2003, pg 07)

Esse pensamento de Hall, nos mostra como a questão da identidade pode ser variada a partir de cada indivíduo, que construa sua própria identidade se deslocando desse modo de um determinado padrão imposto pela sociedade. As mulheres que entrevistei se destacam de um padrão que era comum em uma sociedade, que era costume ao chegar à velhice, aposentar-se e não produzirem mais, no caso delas fizeram

toda a diferença, pois optaram continuar com sua luta, em busca da sua realização pessoal.

No caso das entrevistadas, uma delas é professora aposentada e as outras duas nunca tiveram um trabalho formal, sempre trabalharam em casa de família, porém elas com trabalhos distintos, mais com a mesma vontade de não parar de trabalhar por estar aposentadas. A que é professora tem 63 anos casada, irei chama-la pelo nome fictício de Ametista, a outra senhora tem 74 anos solteira, e a ela darei o nome de Rubi, e a terceira senhora tem 63 anos solteira e a chamarei de Perola, para preservar suas identidades, pois para essas mulheres parar de trabalhar não está em seu planos.

Essas mulheres tiveram histórias de vida diferentes, quando jovens viveram de maneira distinta, pois a senhora Rubi aos oito anos de idade foi levada pela vó, para morar em uma fazenda, onde lá ajudaria nos afazeres da casa e cuidaria das crianças, devido à falta de condições de sua família acharam que lá ela estaria mais bem cuidada, sem pensar que para ela essa atitude fosse lhe causar algum problema, mesmo assim ela tem boas recordações, pois disse que era bem tratada pelos donos da casa em que foi viver, e só voltou para a casa de seus pais quando sua irmã mais nova casou-se, então ela tinha que tomar conta de sua mãe que já era idosa.

Já a senhora Ametista, desde cedo seus pais a incentivaram aos estudos mesmo morando em um sítio, numa família de muitos irmãos, no qual tem boas recordações do seu tempo de infância e juventude, da liberdade que tinha e da felicidade de viver junto a sua família, dos passeios que fazia a cavalo, segundo ela era muito feliz ao lado de sua família, levava uma vida muito saudável.

Dona Perola cresceu em uma família com seis irmãos, onde segundo ela, das filhas mulheres era ela quem mais trabalhava nos afazeres domésticos e ajudou suas irmãs quando começou a trabalhar em casas de família, sempre trabalhando assim criou seu filho lhe ensinando o valor que tinha seu trabalho para ela seu maior orgulho, pois o fez um homem de bem.

Elas trilharam caminhos diferentes, a dona Ametista tornou-se professora, dona Rubi passou a trabalhar em casa de família, sendo que hoje em dia ela lava roupa de uma casa apenas, e dona Perola tornou-se vendedora ambulante. Dona Ametista casou-se e teve três filhos sendo que um faleceu ainda bebê. Dona Rubi nunca chegou a casar nem teve filhos biológicos, depois de voltar para a casa de seus pais para tomar conta de sua mãe, acabou cuidando de três sobrinhos que se tornaram filhos adotivos. Dona

Perola nunca casou mais teve um filho o qual criou sozinha com seu trabalho, e assim essas mulheres transformaram-se em mulheres fortes e guerreiras.

Nasci em uma família de onze irmãos, meus pais na humildade deles soube nos criar, tinha uma vida muito saudável e pra mim minha família foi tudo na vida, comecei a crescer com incentivo dos meus pais que queria que eu estudasse, com muito sacrifício. (Ametista 63 anos) <sup>1</sup>

Ai quando eu fui pra lá eu num tinha nada nem roupa direito, nem calçado, ai minha vó me levou, mais minha família é tudo na vida. (Rubi 74 anos) <sup>2</sup>

Família, eu e meu filho, só quero que Deus me dê vida enquanto tiver meu filho.( Perola 63 anos) <sup>3</sup>

Desse modo construindo suas identidades, de mulheres fortes batalhadoras, capazes de lutar e transformar suas vidas, mulheres com histórias tão diferentes, pois enquanto dona Ametista foi criada no seio de sua família teve apoio e incentivo para estudar e se tornar professora. A dona Rubi tendo sido levada para ajudar em uma fazenda na criação dos filhos dos donos da fazenda não teve oportunidade de dá continuidades aos estudos, pois apenas aprendeu a ler. E dona Perola teve que criar seu filho sozinha em um período de muitas dificuldades. Dessa maneira chegaram à velhice e quiseram continuar conquistando o direito de ser como são e fazer o que desejam nessa fase da vida. É apenas nesse ponto elas se igualam no desejo de continuar trabalhando, porque no que diz respeito como viveram cada uma teve uma história de vida diferente, e no que se refere ao trabalho que cada uma executa também atividades diferentes.

---

<sup>1</sup> Ametista 63 anos, entrevista realizada em 10-04-2016

<sup>2</sup>Rubi 74 anos, entrevista realizada em 15-04-216

<sup>3</sup>Perola 63 anos entrevista realizada em 06-09-2016

Pensar na velhice em termos de identidade social possibilita perceber que a velhice é uma classificação, uma vez que há uma atribuição por parte da sociedade e uma auto atribuição concomitante da identidade etária, separando e arrumando os indivíduos em um parâmetro de idade.( BARROS,2006, pg 130).

Nesse sentido percebemos que a questão da identidade varia de acordo com o que a sociedade atribui, mais pode ser variável conforme as relações de cada pessoa, valorizando a interação social entre os indivíduos, pois essas senhoras são valorizadas em seu meio por ter essa característica forte e de não se intimidar por estar fora de um determinado padrão, fazendo o que gostam independente do que as pessoas falem.

Considerando as transformações que passamos Hall afirma que: “Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada” (HALL, 2003, pg 09). Sabemos que todos passamos por transformações ao longo de nossas vidas por isso não podemos precisar uma determinada característica, pois ela pode mudar conforme as transformações que passamos, sendo assim construída uma identidade própria a cada um, a partir do modo que nos comportamos e vivemos, são criadas características que determinam nossa identidade, e o modo de vida que levamos ao longo de nossa existência, pois de acordo como vivemos e transformamos nossas vidas, determinamos que tipo de identidade teremos.

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (Hall,2003, pg 12)

Pensando nesse sentido vemos que as identidades podem unir os sujeitos, de acordo como estes vivam em seu meio e com se relacionam, podem se tornar unificados apenas em determinadas questões, relacionadas ao modo de vida de cada uma delas. Desse modo, percebemos como as minhas entrevistadas se assemelham no que diz respeito a atual condição em que escolheram viver a fase atual de suas vidas, são

mulheres com personalidades fortes, que optaram não seguir o que os outros impuseram a elas, mais batalharam e batalham para alcançar seus objetivos, e não desejam simplesmente por estarem velhas parar de fazer o que sempre gostaram de fazer; pois é o que dá sentido a suas vidas poder fazer o que gostam, se considerando felizes por estar fazendo a diferença nessa fase atual em que estão vivendo, tendo o sentimento da realização pessoal, criando uma identidade com bastante significação.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.(HALL, 2003pg13)

Percebemos que não podemos dizer que a identidade unificada não existe, visto que há varias formas de construir nossas identidades, sendo assim ao passo que vivemos em uma sociedade cheia de culturas diferentes, podemos nos confrontar com novas identidades, criadas a partir dos costumes e praticas que cada individuo define. Pois as mulheres que entrevistei construíram suas identidades a partir do modo de vida que cada uma levou, dessa maneira possuem identidades que se assemelham, pelo modo que conduzem suas vidas hoje, no sentido de que são idosas são mulheres e são batalhadoras, e mesmo tendo chegado à velhice simplesmente quiseram continuar fazendo suas histórias de vida diferentes, se destacando de tantas outras que não exercem nenhuma atividade na velhice.

O sujeito deixa de ser visto como uma totalidade fenada e fundante das ações e representações, para ser pensado como uma produção histórica, como um lugar que diferentes pessoas vêm ocupar sucessivamente ou como a produção de uma identidade em que vários fluxos de subjetivação e forças de sujeição se encontram. A sociedade da serialização e do individuo obriga a que os individuos assumam um serie de papeis, de identidades, fragmentando-se. (ALBUQUERQUE JUNIOR,2007, pg58-59)

Dessa maneira vemos como os sujeitos são pensados de diferentes formas através de suas representações, elas constroem suas identidades a partir de suas escolhas, com isso passam a ser vistos como pessoas com diferentes formas de realizar seus projetos totalmente distintos uns dos outros, não seguindo assim a um determinado padrão; que lhes façam parecer iguais dentro de uma sociedade. No caso das mulheres que entrevistei, elas são diferentes de muitas que na fase que vivem, como as que estão aposentadas e sem trabalhar nem desenvolvem nenhuma atividade; elas buscaram a diferença; cada uma a seu modo construiu uma identidade diferente das demais mulheres da cidade em que vivem, buscaram realizar seus objetivos conseguindo desenvolver seus trabalhos cada uma a sua maneira, mais tendo a certeza de que estão fazendo o que gosta.

Percebemos como essas mulheres do interior paraibano construíram suas identidades, através de seus trabalhos nos mostraram características marcantes. Mesmo tendo histórias de vidas tão diferentes exercendo trabalhos diferentes, conseguiram se representar através suas identidades de mulheres fortes e batalhadoras, destacando-se de muitas outras mulheres que não produzem mais nada depois que chega o momento de se aposentarem; essas mulheres com perfis diferenciados se igualam nessa fase atual da vida em que desejam continuar trabalhando e realizando seus objetivos. Nesse sentido vemos como elas se consideram mais felizes porque podem trabalhar na fase atual de suas vidas. Nada melhor do que poder fazer suas atividades, sem se deixar levar pelos problemas físicos que vem com a velhice, poder realizar seus objetivos sentindo uma realização pessoal por estarem ativas, faz com que possamos perceber nelas o interesse cada vez maior pelo que fazem, e não aparentam cansaço vemos nelas uma disposição que nem todos jovens tem, são mulheres muito batalhadoras e fortes. Mesmo cada uma tendo perfis tão diferentes, se assemelham na fase atual de suas vidas, por demonstrar o mesmo interesse de continuar trabalhando fazendo o que gosta, com a certeza de que estão fazendo o acreditam ser o melhor para suas vidas.

## 2.2 A mulher idosa ativa e provedora do seu lar.

É importante falar como essas mulheres desenvolveram suas atividades ao longo de sua vida, para terem se tornado provedoras do seu lar.

Assim não é incomum categorizar idosos ativos e produtivos, independentemente de terem 60,70,80 ou mais anos como pertencentes a terceira idade. Ao mesmo tempo, os que não corresponde a esse padrão modelar são simplesmente chamados de velhos, com todas as conotações negativas inerentes ao termo. Além disso tanto os saudáveis como os não saudáveis são apontados muitas vezes, como os únicos responsáveis por sua condição, eximindo a coletividade da obrigação de oferecer mecanismos que atendam as diferenças.”(GUSMÃO,2006, pg 11)

Pensar na mulher como provedora de seu lar é também associar a ideia de que a mulher dona de sua liberdade de ir e vir pode tomar decisões cabíveis a elas de que devem e podem trabalhar fora do ambiente familiar, e produzir socialmente para o mundo do trabalho. Porém a resistência encontrada para com as mulheres idosas no mercado de trabalho leva essas mulheres buscarem se inserir no campo de trabalho não formal, não se contentando em serem apenas donas do seu lar, pois não é porque chegou à idade de se aposentar que elas queiram parar de produzir, seja no sentido de precisarem financeiramente, mais também no querer se sentir úteis.

A questão da dignidade nessa fase de envelhecimento pode ser explicada pela ótica da produtividade e da valorização do jovem em nossa sociedade, segundo Debert (1997): o velho, por não se constituir em mão-de-obra apta para o trabalho, é desvalorizado e abandonado pelo estado e pela sociedade. Nessa perspectiva, trabalhar nesse momento da vida de uma pessoa pode trazer o sentimento de realização por estar produzindo, mesmo que não tenha renda. (GUSMÃO,2006, pg 92apud).

O trabalho nessa fase traz essa possibilidade de se sentir útil aos outros e a si mesmo, pois para as mulheres que entrevistei é vital o seu trabalho, o fato de ter que parar as incomoda, por que o fato de não fazerem nada lhes causa angustia, e continuar trabalhando dá sentido a sua existência e traz dignidade, e poder estar perto das pessoas

que gostam ter esse contato, conversar trocar experiências botar os assuntos em dia, saber que tem pessoas que querem estar próximas a elas lhes faz muito bem, isso acaba afastando a solidão.

Outros autores, no entanto, tendem a olhar com mais otimismo o envelhecimento feminino. A velhice feminina seria mais suave do que a masculina, na medida em que a mulher não experimenta uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta como a dos homens na aposentadoria. (DEBERT, 1999, pg, 140)

Isto se deve ao fato de que durante muito tempo apenas os homens fossem o provedor de seu lar, trazendo com eles a responsabilidade toda de cuidados com o sustento dos seus, por isso que para a mulher seja mais branda a hora da aposentadoria, porém não significa que elas queiram parar e ficar em casa vendo programas de televisão ou fazendo tricô, elas sentem a necessidade de continuar e estão lutando por isso, mesmo que seja em um trabalho não formal.

Ao homem velho se dá maior atenção na medida em que se percebe a aposentadoria como mudança radical de vida- uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito. Na mulher, a velhice não traz essa carga de uma mudança abrupta. A mulher na velhice está no último estágio de um continuum sempre ligado a esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve vida profissional ativa, como também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada.(BARROS,2006,pg 114)

Percebemos que tanto Barros como Debert, trabalham na mesma perspectiva onde para homens e mulheres existem diferenças ao envelhecer, pois para ambos não corresponde à mesma carga atribuída na velhice, pois as duas autoras atentam para o mesmo fato de que para homens e mulheres o envelhecer, não é igual. Para algumas mulheres é menos difícil o momento da aposentadoria, não tem um impacto tão grande como é para o homem, pois ao homem cabe um peso maior o momento de se aposentar porque durante muito tempo, a ideia era que o homem fosse o único provedor do seu lar

então ao chegar a hora de se aposentar, pensava na questão de como iria prover o seu lar, já para mulher não aconteça da mesma.

As representações do mundo social assim construídas embora aspire a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que forjam. Dai para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem utiliza. (CHARTIER, 1998, pg 17)

Pois essas idosas representam inúmeras outras mulheres que querem continuar com suas lutas, que persistem e conseguem mesmo sofrendo algum tipo resistência ou preconceitos, elas seguem com seus sonhos firmes e confiantes com que escolheram para sua velhice. Para a mulher, acredito que quando chega à velhice vem muitos conflitos, por que para a mulher sempre teve mais cobranças, que muitas vezes é ela mesma que se cobra mais, e quer fazer o melhor; logo a mulher aos poucos foi conquistando seu espaço na sociedade, sendo não apenas esposa, mãe e donas do lar, mais tornaram-se comerciantes professoras entre tantas outras profissões.

No caso das minhas entrevistadas, uma delas é professora aposentada e as outras duas nunca teve um trabalho formal, como já foi mencionado, sempre trabalhando em casa de família, porém elas com trabalhos distintos, mais com a mesma vontade de não parar de trabalhar por estar aposentadas.

Dou o valor maior da vida a minha profissão num me troco por gente mais nova, tanto pra andar como pra trabalhar, num gosto de ficar em casa vendo televisão gosto de tá trabalhando. (Rubi 74 anos)

É muito importante é a coisa mais gratificante pra mim, que eu gostei desde pequena e continuo gostando, eu acredito que vou morrer trabalhando, trabalhei 25 anos por campina grande e desde 2000 trabalho no município de boa vista. (Ametista 63anos )

É tão bom tá trabalhando pra ocupar a cabeça pra não pensar besteira. (Perola 63 anos)

Para essas mulheres a ideia de deixar de trabalhar assusta, pois a vontade que tem é de continuarem na ativa sendo uteis aos outros ou a elas mesmas é maior que o cansaço que chega com a velhice; e vontade de estarem trabalhando sendo em trabalho formal ou não, o importante é não parar. Nem o cansaço nem os problemas de saúde impede que elas tenham tanta disposição para realizar suas atividades.

Observamos que o mesmo direito ao ingressar no mercado de trabalho, e a aposentadoria, remete ao direito de mesmo aposentadas prosseguirem com seu trabalho, pois é um direito que lhes cabe, poder escolher sobre o que querem fazer nesse momento da vida. Já viveram tantos acontecimentos durante toda suas vidas, que é mais que justo terem o direito de escolher fazer qualquer coisa que lhes traga realização.

Meu interesse é por esses idosos ativos, pois o meu objeto de estudo é senhoras que são diferentes do que se pode chamar de velhice-problema, as mesmas fazem questão de continuar na ativa, sentirem-se bem, sem que tenham que se entregar aos problemas físicos da velhice; pois mesmo tendo problemas físicos que é impossível não ter depois de uma certa idade, elas os enfrentam com a determinação de prosseguir com seu desejo de continuar, isso foi o que me chamou a atenção nelas. E quando lhes perguntei se sentiam-se velhas me disseram que não, apenas dona Perola disse que sim se sentia velha mais era feliz por esta velha, pois ela diz que esta viva; para dona Rubi e dona Ametista, ser velho é não fazer nada e não ter atitude, não batalhar e isso vemos em muitos jovens, elas são ativas mesmo estando mais velhas. Assim como Barros afirma: “Meu interesse pelo tema da velhice surgiu não de velhice- problema, da velhice escondida, asilada, doente, mas da velhice com a qual convivo do velho ou velha com que cruzo nas ruas.” (BARROS, 2006, pg 120).

Não me sinto velha eu acho que velho é aquelas pessoas que não tem coragem de enfrentar a vida, muitas vezes eu falo meu Deus tanto jovem entregue, por que eu sou velha mais me considero jovem porque tenho coragem”. ( Ametista 63 anos)

Sim tô velha, mais tô feliz porque tô viva. (Perola 63 anos)

Para quem sabe envelhecer com sabedoria como essas mulheres que entrevistei, pois a forma de expressar delas demonstra que elas se consideram felizes, tendo uma

certa sabedoria diante da vida em não se isolar, eu considero isso importante, desse modo pode viver melhor sua velhice, encara com mais leveza os desafios da idade, e se souber enfrentar com bom humor, assim tem como viver muito e melhor. Hoje tem grupos de terceira idade que ajudam alguns idosos a não sentirem-se sozinhos; mesmo não sendo o caso das mulheres que entrevistei, pois cada uma delas está na ativa, cada uma com sua ocupação diferente, mais tendo em comum à vontade de não parar porque estão velhas, querem produzir muito mais, pois isso é que dá sentido às suas vidas, para que não se abalem com os problemas que podem existir na fase atual de suas vidas.

Assim como afirma Chartier: “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (CHARTIER, 1945, pg 51-52). Percebemos assim que essas mulheres idosas demonstram a vontade de lutar de tantas outras que em algum momento, batalharam por seus direitos e tendo conquistado adquire assim o direito de depois da aposentadoria ser pessoas ativas guerreiras em busca de suas realizações pessoais.

Considerando que existem formas diferentes de envelhecer como afirma Debert: “Tratar da velhice é ainda estabelecer diferenças entre o passado e o presente, apontando novas dimensões que fariam do envelhecimento uma experiência radicalmente nova quando comparada a velhice de antigamente.” (DEBERT, 1999, pg 184). Nesse sentido vemos que atualmente vem sendo percebida uma forma diferente de velhice, pois antigamente o que se pensava da velhice era que o velho não tinha que fazer mais nenhum tipo de atividade fosse ela desenvolvendo trabalho ou participando de grupos para a terceira idade. No entanto notamos que os idosos de nosso tempo buscam mais que envelhecer, aposentar, e parar de produzir, hoje eles procuram se movimentar para tornar a velhice mais leve de ser encarada.

Seguindo o pensamento de Debert “As novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem a intimidade e a construção de identidades.” (DEBERT, 1999, pg 226). Desse modo essas mulheres constroem suas identidades, a partir do que elas querem para si, nesse momento atual de suas vidas, quando é chegada a hora de parar e se encostar, elas preferem seguir lutando construindo assim uma identidade própria de mulheres idosas sim, mais sem se deixar levar pelo estigma de velhinhas que não produzem mais nada, elas se destacam de outros exemplos que temos de velhice-problema, elas fazem toda a diferença em suas vidas.

Sabemos que envelhecer é algo que para algumas pessoas, pode significar o momento em que junto com a velhice vem muitos problemas de saúde, pois segundo Gusmão, “O sonho do ser humano é poder envelhecer com saúde e independência, nessa perspectiva entende-se por saúde um campo de estudo, que não se restringe apenas a concepção de doença localizada no corpo.” (GUSMÃO, 2006, pg96). Nessa perspectiva, percebemos que a autora se refere não apenas em doenças no corpo, mais nos mostra que o estado de espírito da pessoa idosa tem que está bem, pois não só as doenças do corpo que lhes causa incomodo, é preciso sentir-se bem para que tudo caminhe bem, para que seu envelhecer seja saudável, e poder fazer tudo que ainda tem vontade, tomar suas próprias decisões ter autonomia de fazer outras coisas na sua velhice, e podendo realizar algo que lhe traga satisfação pessoal.

É preciso desfazer a imagem de que todo velho é doente, hoje percebemos muitos idosos procurando está na ativa desenvolvendo atividades físicas participando de grupos de terceira idade, trabalhando. Porque vemos que atualmente nossos idosos tentam fazer o melhor para tornar sua velhice mais branda, é claro que sabemos que com o advento da velhice recaem sobre nós muitos problemas de saúde. Não estou afirmando aqui que essas idosas não tenham problemas de saúde, mais é importante lembrar que muitos estão tentando fazer a diferença na sua velhice, buscando alternativas para melhorar sua condição de idoso. E fazendo o que se tem vontade torna melhor seus dias, e cada vez mais realizadas por poder mesmo tendo chegado à velhice ter disposição de trabalhar e sentirem-se realizadas e felizes, pois estão fazendo algo que gostam de fazer, e podendo ser provedora do seu lar.

O aposentado se representa como alguém que trabalhou a vida toda e, no momento do direito a aposentadoria, tem dificuldade de manter a família e os dependentes. Apresenta-se, portanto, como um provedor do lar e não como alguém preocupado exclusivamente com a sua sobrevivência ou satisfação individual. (DEBERT,1999, pg 175)

Porém vemos aqui com minhas entrevistadas, que para elas sim vem junto com a necessidade de ser provedora do seu lar, tem uma realização pessoal por estar trabalhando fazendo o que gosta, mesmo nesta altura de suas vidas, porque no caso

delas o desejo de não parar é maior do que ser apenas para prover o seu lar, é uma verdadeira realização pessoal que essas mulheres têm por serem como são.

As representações sociais mais comuns sobre a velhice consideram que ser idoso é ter determinados aspectos físicos e de saúde, em que se associa velhice a doença. Outros associam a velhice a uma etapa que precede a morte, portanto, a última etapa do ciclo vital, em que não há mais nada a ser feito apenas esperar a morte chegar. E, por fim, existe uma comparação marcante entre sentir-se velho\ jovem e se ver velho fisicamente. (GUSMÃO,2006 pg 58)

É importante atentarmos para essa diferença em que a pessoa idosa, sinta-se disposto mesmo com um corpo mais cansado, e aquele cuja idade ainda não é tanta mais já se sente velho, cansado, doente, há que se perceber a quem o peso da velhice recai com maior força, pois em outros casos não necessariamente por esta velho deva-se sentir-se velho, acredito que o que pode determinar isto seja o modo de vida de cada indivíduo leva durante toda uma vida.

Assim como afirma Chartier: “Por último, essas representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade.” (CHARTIER, 1945, pg50). Pois para as mulheres que entrevistei, mulheres diferentes e que trabalham em coisas diferentes mais se assemelham na vontade de não parar de trabalhar por estarem velhas, pois cada uma a sua maneira descreve a importância que tem em sua vida o trabalho, a maneira de se sentir realizadas no que fazem ou fizeram durante toda sua vida, Essas senhoras são exímias representantes de uma sociedade no interior paraibano, que lutam e fazem a diferença na sua velhice.

Porque pensar-se velho, não é fácil, encarar a velhice e pensar nela, pois logo quando se vê velho vem um só pensamento, é estar mais perto da morte, sofrer com as doenças que com ela chega, as dores, o cansaço a solidão, visto que talvez pela correria do dia a dia as pessoas não possam dispor do seu tempo para ouvir suas histórias, muitas vezes tão ricas que acabem passando despercebidas suas memórias que ao lembra-las, revigora e desperta a vontade para continuar e não se entregar as angústias da velhice. Então vemos que é preciso cada um fazer a diferença, pois cabe a nós mesmos cuidar para que nossa história de vida seja diferente, e não é porque chegou à velhice de

devemos pensar que não há mais nada a fazer da vida, temos sim que fazer a diferença em nossas vidas.

Liberdade e independência são valores positivamente qualificados que dão a vida cotidiana uma nova dimensão de bem estar. O bem estar é construído através da oposição entre liberdade atual e as outras etapas da vida, sobretudo a juventude, em que as mulheres eram vítimas da opressão dos pais e dos controles que a sociedade exercia sobre elas. (DEBERT, 1999, pg 185)

Nesse sentido percebemos o quanto é importante que na atual fase da vida essas mulheres possam contar com liberdade e independência, pois se em seu passado sofreram opressões hoje cabe a elas o direito de fazer o que quiser e poder na sua velhice, e sendo assim tornando-se mais realizadas e felizes em sua atual fase da vida; e se há um desejo de estar trabalhando ou fazendo seja qual for a atividade para sentir-se útil, deve mesmo ser levado em conta.

Eu acredito que vocês vão me encontrar morta aqui por que eu amo meu trabalho, tem gente que fala Deus me livre se eu fosse D. Ametista eu já tava aposentada em casa, mais eu não me sinto realizada em casa. (Ametista 63 anos)

Que Deus permita que eu possa trabalhar até morrer, pois não sei ficar parada. (Rubi 74anos)

Eu vou morrer trabalhando se Deus quiser. (Perola 63 anos)

Perceber a realização pessoal dessas mulheres é muito interessante, enquanto algumas pessoas mais jovens não tem a mesma força e entusiasmo que essas idosas tem, isto as torna pessoas especiais em seu meio, pois ao chegar o momento de se aposentar querem continuar sua luta sem se quer ter vontade de parar. Observo que da mais prazer em ser ativas do que mesmo ser a provedoras do seu lar; é importante ser provedoras do lar sim, mais a maior realização vem através de poder sentir útil trabalhando fazendo o que mais gostam, e continuar a trabalhar, para sentirem-se vivas uteis ao meio em que

vive e a si mesma. Pois quando esse direito lhe é tirado, é como se lhe tirassem o direito de viver, pois entre as entrevistas que fiz foi o que mais foi dito por que o desejo delas é continuar trabalhando até o momento em que não mais possa conseguir, caracterizando dessa maneira a sua liberdade de escolha, mesmo que exista problemas de saúde não faz com que elas queiram parar suas atividades.

De certa forma, eles possuem uma representação social de que o envelhecimento leva a doença e que, portanto, eles não querem isso para suas vidas. Não podemos negar que o envelhecimento, em muitos casos, traz doenças, mais isso não pode ser uma constante, é preciso modificar essa visão e partir do pressuposto de que nós envelhecemos conforme nos vivemos e nos cuidamos durante todo nosso curso de vida. (GUSMÃO, 2006, pg 98)

Nesse sentido vemos que, de acordo como vivemos pode definir a maneira de envelhecermos, se ao longo de nossas vidas batalhamos para conquistar objetivos, podemos melhorar a forma de envelhecer, pois conseqüentemente iremos envelhecer, e com a velhice pode sim vir problemas de saúde que é comum. Porém isso não significa que todos vão ser doentes encostados; é preciso que se mude a maneira de pensar na velhice como uma fase decadente, pois o idoso pode ser ativo e ter a possibilidade de viver sua velhice com saúde lucidez, por isso que temos que mudar a forma de pensar a velhice, o idoso quer poder ter o direito de fazer o que tem vontade na sua velhice, pode ser viajando, ficando em casa ou trabalhar, porque eles devem ter autonomia para escolher fazer o que tem vontade em suas vidas.

Nesse debate sobre gênero e envelhecimento, forte a tentação de tomar uma oposição binária como um dado, estado da natureza, e remeter a uma identidade feminina, tida por específica, distancias e oposições que advêm, de fato, de outros princípios de diferenciação. Da mesma forma, é grande o risco de considerar a velhice uma experiência universal, um dado natural e imutável ao qual os homens ou as mulheres se adaptariam melhor. (DEBERT, 1999, pg 142)

Nessa perspectiva percebemos que de fato não se pode tratar a velhice de maneira igualitária, por que cada um envelhece de um determinado jeito não devemos

dizer que tanto homem ou a mulher se adaptaria melhor. Acredito que o que determina a forma de se adaptar cabe a cada um seja homem ou mulher. Pode ser que como já foi comentado nessa análise, para algumas mulheres, com o perfil das que entrevistei, o impacto da velhice seja menor, devido a questões que variam conforme o modo como cada individuo viveu sua vida, e como encaram o momento atual de suas vidas, seja menos difícil de lidar com a fase atual que estar vivendo.

Por isso que para algumas mulheres seja menos duro o peso de chegar à velhice, pois as cobranças feitas ao longo da vida são diferentes para cada um, porque ao longo do tempo o homem sempre teve cobranças com relação a ser provedor do seu lar, já a mulher se tornou independente e foi conquistado espaços no mundo do trabalho. Por isso que para as mulheres que entrevistei a velhice seja mais leve, hoje ela pode escolher ser livre e tomar decisões sobre o que vai fazer de sua vida na velhice. Desse modo não podemos dizer que para o homem seja igual porque sempre houve muitos aspectos que diferenciavam o homem e a mulher, sendo assim não seria na velhice que teria que ser igual para ambos.

Há que se levar em consideração, também, a questão da jornada de trabalho, pois ainda resta para as mulheres chegar em casa e cuidar dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, por mais que os homens passem a ajudar mais, ainda sobra para as mulheres a maior responsabilidade sobre essas tarefas.(GUSMÃO,2006, pg 94)

Vemos que para a mulher a carga horária é maior que para o homem, porque quando chega em casa ainda tem que continuar seu trabalho com os afazeres domésticos, por isso que para a mulher acaba sendo maior sua jornada de trabalho, pois ela tem que além do trabalho fora, tem que dá conta de tudo quando chega em casa, isso não apenas acontece enquanto a mulher tem filhos pequenos, mais mesmo depois de crescidos e quando ela é mais velha isso ainda acontece, pois uma de minhas entrevistadas falou que quando chega das suas vendas em casa, ainda tem que cuidar da casa.

Não chego em casa dizendo que tô morta de cansada não , eu vou enfrentar outra batalha de novo arrumar cozinha.( Perola 63 anos)

Desse modo vemos o quanto à mulher é batalhadora, pois mesmo já idosa trabalhando, ainda cuida da casa, é admirável a disposição que tem, sem se deixar levar nem pelo cansaço e nem pelos problemas físicos da idade, consegue lidar com todas essas questões e ainda se sente feliz em poder realizar suas obrigações domésticas.

Dessa maneira percebemos como as mulheres que entrevistamos, tornaram-se provedoras do seu lar e se destacaram de muitas outras em sua cidade elas descobriram que com seus trabalhos além de poder ser provedoras do seu lar, como é gratificante poder mesmo na velhice ainda trabalhar e encontrar uma realização pessoal no que fazem. Percebemos que há nelas algo mais que ser provedoras do seu lar, elas sentem uma realização pessoal em estarem ainda ativas e trabalhando, vemos que nelas existe uma satisfação muito pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos através das representações femininas, como ao longo do tempo a mulher e o envelhecimento foram inseridos na história; e como através de movimentos e reivindicações por direitos como cidadania e respeito, foram sendo inseridos na história e foram se tornando sujeitos da história. Vimos também com as entrevistas, como as mulheres da cidade de Boa Vista interior paraibano se tornaram provedoras do lar, mesmo tendo chegado à terceira idade, desenvolvendo trabalhos formais e também informais, criando alternativas de driblar os problemas vindos com a velhice.

Percebemos através desta análise que a mulher conquistou espaços antes só de homens, conseguiu atuar no campo do trabalho e conquistaram direitos, a partir de sua luta foi sendo percebida como objeto da história, sendo inserida na história. Desse mesmo modo a temática do envelhecimento, que também não era muito debatida no campo acadêmico, foi conquistando espaços e despertando o interesse em vários campos como: a antropologia, a psicologia e na história; nessa perspectiva foi sendo percebido como objeto de estudo desses campos, onde se buscava melhorias e dignidade desses sujeitos.

Segundo Gusmão, “Ao mesmo tempo em que ganham legitimidade pública, os idosos estão cada vez mais mostrando suas diferenças ao ganharem visibilidade pública.” (GUSMÃO,2006, pg 12). Pois sabemos que existem diferentes formas de envelhecer, então não podemos tratar todos da mesma forma. No caso das mulheres que entrevistei elas realizam na sua velhice trabalhos com os quais se realizam pessoalmente por estarem na ativa mesmo tendo chegado à velhice; são provedoras do seu lar e ainda se realizam pessoalmente desenvolvendo trabalhos que sempre fizeram e ainda conseguem realizar nessa fase atual de suas vidas. Diferente de outros idosos que ao chegar o momento de se aposentar não querem mais trabalhar, seja por questões físicas ou simplesmente porque não querem mais trabalhar.

Essas mulheres são estudos de casos que possam se assemelhar com várias outras que tem este mesmo objetivo de continuar trabalhando mesmo aposentadas, elas construíram suas identidades de mulheres interioranas que se destacam de outras que não exerce essa mesma prática de continuar trabalhando. Construíram identidades de

mulheres fortes e batalhadoras, que conquistaram seu espaço sem se deixar levar pelos problemas que vem quando a idade chega. “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada” (HALL, 2003, pg 21). Podemos dizer que as idosas que entrevistei foram construindo identidades de mulheres batalhadoras, que se destacaram em sua cidade, com essa característica que criaram a partir do modo de vida que levaram.

Fomos percebendo como essas mulheres se tornaram representantes de uma sociedade, onde não é muito comum a prática de continuar trabalhando depois de terem se aposentado, mais para as entrevistadas dessa pesquisa, realizar nessa fase da vida trabalhos que lhes traz realização pessoal é muito gratificante, pois além de ser provedoras do seu lar, poder fazer o que gostam é realmente algo enriquecedor, porque sentir-se útil a si mesmo e aos outros é algo que para essas mulheres traz uma grande satisfação. Pois cada uma a seu modo demonstra o tipo de identidade que construiu; dona Ametista demonstra que a mulher que batalhou estudou e se tornou professora, hoje se orgulha do seu trabalho e não tem intenção de parar. Dona Perola demonstra aquela mulher que não se deixou levar pelas dificuldades que teve para criar seu filho sozinha, sentindo uma realização de ter conseguido educar seu filho e torna-lo um homem de bem. Dona Rubi demonstra aquela mulher que viveu para os outros, pois durante toda sua vida, viveu para servir aos outros, mesmo assim é uma mulher que se sente realizada por ter sido assim. Desse modo, essas mulheres cada uma a seu modo demonstrou suas características de mulheres fortes e que souberam viver sua vida de maneira que lhe trouxesse realização pessoal.

Observamos que essas mulheres se representam com inúmeras qualidades, que as coloca em destaque entre tantas outras, visto que através do seu trabalho elas constroem suas representações no interior paraibano, sendo percebidas como mulheres determinadas e lutadoras; buscando para suas vidas algo que as acrescente e as faça sentir o verdadeiro sentido naquilo que fazem.

## **FONTES**

Lista de entrevistadas:

Josefa Araújo Ramos

Maria Assunção Pereira Costa

Marta Sampaio Leite

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história| Durval Muniz de Albuquerque Junior-Bauru, SP; dusc, 2007. 256 p; 21 cm (Coleção História)

BARROS, Myriam Moraes Lins de **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política-Organizado por Myriam Moraes Lins de Barros, -4 ed. -Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. **Entre práticas e representações.** 1988 e Cornell University Press,1982;Editions du Center Georges pompidu,1987;Editions Flammarion,1985; Instituto de Cultura Portuguesa,1987; Editions Garnier et Freres,1986; Promodis,1984; Pergamon Press,1986; Ecole Française de Rome,1985.

CHARTIER, Roger, 1945. **A história ou a leitura do tempo**\ Roger Chartier; [ tradução de Cristina Antunes] -2 ed.- Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010,-( ensaio geral).

DEBERT, Guita Grin: **A reinvenção da velhice, socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** editora Edusp, São Paulo, 1999.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de, **Velhices e diferenças na vida contemporânea-** (organizadoras) Neusa Maria Mendes de Gusmão, Olga Rodrigues de Moraes Von Simon—Campinas, SP: Editora Alínea, 2006—(coleção velhice e sociedade).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPCA, 2003.

LE GOFF, Jacques, 1924, **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.(Coleção Repertórios)Tradução de: Stória e memoria.

PICOLI, Bruno A, **Memoria História e Oralidade**. Disponível: [http://ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume1/dossie\\_brasil-colonia/artigos/MNEMOSINE-REVISTA\\_BRASIL-COLONIA-VOL1-N1-JAN-JUN-2010-MemoriaHistoriaEOralidade.pdf](http://ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume1/dossie_brasil-colonia/artigos/MNEMOSINE-REVISTA_BRASIL-COLONIA-VOL1-N1-JAN-JUN-2010-MemoriaHistoriaEOralidade.pdf) acesso em 03-02-2016.

RAGO, Margareth, **As mulheres na Historiografia Brasileira**. Disponível: [http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf).Acesso em 11-06-2016

SOIHET, Raquel, **História das mulheres**. D72 **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997. Inclui bibliografia ISBN 85-352-00155-6 1. Historia - Filosofia. 2. Historia - Metodologia. I Cardoso, Ciro Flamarion S. (Ciro Flamarion Santana), 1942- II. Vainfas, Ronaldo.